



FAMALIÁ

Ana Bintacos
Ariane Garcia
Bruno Teixeira
Ivan Cassone
Leandro Prícoli
Ricardo Imakawa

Orientador
Ricardo Matsuzawa

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Famaliá, conta a história de Joca, jovem malandro e desempregado, que mora com a mãe em um bairro tradicional da cidade de São Paulo. Seu pai, Antônio, fez um acordo com o Diabo, que foi rompido ao roubar-lhe um amuleto, que deixou de herança para Joca. Já adulto Joca vai a procura de emprego e é atraído pelo Diabo que possui um alambique. A partir desse momento Joca é cobrado pela dívida que seu pai lhe deixou e vai encarar o Diabo usando de toda a sua astúcia e malandragem para não ceder a garrafa que seu pai lhe deixou de recordação. A ideia principal do curta-metragem é resgatar esses elementos, como o Diabo, o malandro, a cachaça, a lenda do “Famaliá”, o samba e as crendices populares que fazem parte da nossa cultura popular.

PALAVRAS-CHAVE: Joca; tradicional; Diabo; popular; curta-metragem; Famaliá.



INTRODUÇÃO

O tema do projeto tem como base a cultura popular brasileira, mais especificamente a cultura de crenças no Diabo que é muito comum no nordeste brasileiro. Por meio dos contos lidos no livro *“Contos tradicionais do Brasil”* de Luís da Câmara Cascudo e tendo como referência o Diabo no filme *“O homem que desafiou o Diabo”* de Moacyr Góes, resolvemos criar um Diabo ao mesmo tempo impaciente e divertido.

Ainda dentro da cultura popular, mas falando de um personagem que se tornou popular no Rio de Janeiro dos anos 1930, fizemos referência ao malandro como protagonista da trama. Ao som do samba e do baião, ambos com arranjos de rock e teclados sintetizados, o tema da peça audiovisual roda em torno de um pacto feito entre o malandro e o diabo, que tem como influência a lenda *“Famaliá”*. Segundo contos populares essa lenda diz que o pacto feito com o diabo é simbolizado com uma garrafa com um diabinho dentro.

Quando colocamos dois personagens como o Diabo e o malandro juntos, podemos ver claramente duas figuras folclóricas do Brasil, de diferentes regiões interagindo com fluência. Sendo assim é possível notar a grandeza da nossa cultura popular.

2 OBJETIVO

Durante o processo de produção da peça audiovisual, foram encontradas algumas dificuldades para a conclusão de alguns objetivos descritos abaixo, porém conseguimos concretizá-los.

Para a formação do personagem do malandro, uma das dificuldades encontradas foi na realização do *casting*, pois era difícil encontrar um perfil que se adequasse ao personagem e entendesse suas características. Por fim, o ator que interpretou Joca - personagem do malandro – conseguiu remeter aquela figura clássica do malandro carioca. A trilha sonora também ajudou a caracterizá-lo melhor, pois o samba acompanha a figura do malandro.

Com o personagem do Diabo foi fácil de conseguir os resultados. A atuação resgatou a figura do diabo folclórico, muitas vezes engraçado por sua impaciência. Sendo assim conseguimos mostrar aquela figura comum dos contos que está determinado a conseguir, sempre, mais uma alma para o inferno.

Contextualizando toda a trama que gira em torno de um acordo feito com o Diabo, conseguimos resgatar a cultura popular, junto com os personagens característicos que são a mãe beata, a mocinha charmosa do bairro, o senhor dono da banca tradicional e o dono do



bar e até a própria locação do bar. Contudo a Direção de Arte e a trilha sonora ajudaram muito para passar o tradicionalismo junto com elementos modernos, criamos um filme atemporal, o figurino e a cenografia (que remete principalmente aos anos 70) misturada com elementos modernos como eletrodomésticos, automóveis ou alguma fachada de casa que aparece nas externas.

Uma das grandes dificuldades foi achar um alambique, local de trabalho do Diabo. Seria muito complicado recriar um alambique em estúdio, então decidimos buscar um alambique real e conseguimos encontrá-lo em Guararema, interior de São Paulo. Contudo nossos objetivos foram concluídos.

3 JUSTIFICATIVA

Durante a pesquisa sobre a cultura popular, descobrimos que a cidade de São Paulo obtém um passado rico nesse quesito, repleto de lendas, festas populares e canções, que hoje em dia, ainda são cortejados em alguns bairros da cidade. Porém com a urbanização acelerada no início do século XX, deu espaço para que uma diversidade cultural, de outras origens e até a cultura de massa que predomina hoje em dia, tomassem seu espaço, não só em São Paulo, mas nas grandes capitais do Brasil.

Percebendo essa riqueza, fizemos uma pesquisa sobre o personagem do diabo e a relação dele com os contos tradicionais do Brasil e descobrimos sua enorme importância nos contos no nordeste, no livro *“Contos tradicionais do Brasil”* de Luís da Câmara Cascudo. Decidimos inserir esse personagem, como o antagonista. Também no nordeste, existe uma lenda mais comum na Bahia, chamada de “Famaliá”, na qual faz-se um acordo com o diabo, para enriquecer. Existem várias versões de como o diabinho da garrafa é feito, uns dizem que ele nasce de um ovo fecundado pelo diabo outros acreditam que ele é resultado de uma combinação macabra, depende da região do país. Aproveitamos essa lenda popular, para simbolizar o acordo entre o malandro e o diabo.

Escolhemos a figura do malandro, para o protagonista. Muito comum no Rio de Janeiro da década de 1930, atingiu seu reconhecimento como figura popular pela sua astúcia, pela vida boemia. Até hoje é figura marcante em composições de samba. Junto da figura do malandro, para a trilha sonora, casamos o samba, que o fez tão famoso pelo Brasil.

Contudo justificamos a importância desses elementos para a cultura brasileira e realizamos um curta-metragem combinando-os, pois acreditamos que o Brasil é muito rico



em folclore, lendas, contos, etc. e pouco se é aproveitado em produtos audiovisuais, destinados à públicos adultos, como é nosso trabalho.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a captação de imagem utilizamos uma câmera que possui lentes intercambiáveis e só dispúnhamos de duas lentes – uma 50mm f1.8 que é bem fechada e uma 18-55mm f3.5 que é tanto aberta quanto fechada, porém escura. Com isso resolvemos adotar uma linguagem onde a câmera fica mais solta e sem estabilizador de imagem, além dos desfoques. O áudio foi gravado separado em um gravador digital que ficava com o operador de som direto.

Em cenas como a do alambique, dispúnhamos de apenas três sets lights de mil watts. Posicionamos os sets lights de forma que luz ficasse bem marcada set de filmagem.

Na edição fizemos um grande trabalho de finalização, correção de cor e efeitos visuais na parte das magias do Diabo.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para fazer o trabalho resolvemos reunir num grupo pessoas que já tinham atuado juntas, pois até então estávamos separados. Isso ajudou, porque sabíamos a forma de cada um desenvolver sua função e também os gostos pessoais.

A primeira decisão tomada foi a de que faríamos um curta-metragem, na sequência pensamos muito em qual tema poderíamos abordar. As ideias começaram a clarear após realizarmos um trabalho da disciplina de “Direção de Atores” no sétimo semestre, na qual fizemos uma cena onde o céu era recriado como se fosse uma repartição pública e decidimos pesquisar a relação dos homens com Deus e o Diabo. A partir de uma conversa com a professora Cláudia Dalla Verde ela nos recomendou que lêssemos o livro “Contos Tradicionais do Brasil”, nele descobrimos a grande importância do Diabo para o folclore regional do nordeste. Nesse momento tínhamos encontrado o viés para nosso roteiro. A partir daí começamos a desenvolver nossa história e adicionamos a ela outros elementos da cultura brasileira, como o malandro, personagem comum em letras de sambas.

O responsável pela escrita do roteiro foi Ricardo Imakawa, que ao mesmo tempo em que escrevia, nos informava do processo para que pudéssemos opinar sobre os caminhos que o roteiro estava tomando.



Ao final da confecção do roteiro tínhamos muito trabalho pela frente. Começamos pelo casting, 3 integrantes do grupo ficaram responsáveis pela divulgação da seleção, utilizamos tanto os murais da universidade, quanto a internet e a ida em escolas de teatro. Nosso filme contava com 6 personagens. Sendo dois já com uma idade mais elevada – mais de 50 anos – como a maioria dos atores da universidade e das escolas de teatro são jovens, esta foi uma dificuldade encontrada. Conseguimos solucionar da seguinte maneira, Teresinha, mãe de Joca, foi interpretada por uma atriz amiga da professora Cláudia Dalla Verde. Já Giuseppe, dono da banca e amigo de Joca, foi interpretado por um não ator, Armando, que realmente possui uma banca em São Paulo no bairro do Cambuci, sendo assim conseguimos o “ator” e locação de uma vez só. Outra complicação foi encontrar um ator para viver Joca, o malandro da história e outro para dar vida ao Diabo. Porém, a partir do nosso casting conseguimos encontrá-los.

Nossos figurinos foram em sua grande maioria encontrados em brechós, mesclamos peças de várias décadas, pois queríamos deixar em aberto a época em que o filme se passa. Cada personagem tem uma marca em seu figurino, por exemplo: Joca traja calça, sapato e camisas lisas ou com estampadas; Iracema utiliza vestidos floridos; Teresinha usa *peignoir* e em alguns momentos um avental. Dessa maneira conseguimos dar mais identidade para cada personagem.

Quando começamos a busca pelas locações, pensamos em nos centralizar no bairro da Mooca em São Paulo, pois nossa intenção era gravar em ruas que tivessem casas com portões baixos, sem grades e cores pastéis. Tivemos como referência as locações do filme “*O cheiro do ralo*”. Porém, acabamos encontrando tudo isso nos bairros: Jardim da Glória, Vila Mariana, Cambuci e Aclimação. Nesses bairros gravamos as externas, a casa de Joca, o bar e a banca. A exceção foi o alambique, que foi a locação mais complicada de conseguirmos, tivemos que gravar no interior de São Paulo, próximo da cidade de Guararema num alambique de verdade.

Além dos integrantes do nosso grupo, a equipe técnica contou com a participação de outros colaboradores. Para fazer a maquiagem convidamos Eloá Volponi, formada em Rádio e TV pela Anhembi Morumbi e com especialização em maquiagem. Já para o som direto, convidamos o aluno do curso de Rádio e TV, Tiago Jardim. Sem dúvida a contribuição deles foi essencial para o resultado final.

Fizemos a captação das imagens do filme com uma câmera Canon T2i e o áudio com um gravador Zoom H4n além de um boom Seenheiser. Como estávamos mais acostumados a trabalhar com câmeras minidv, tivemos de nos adaptar a esse novo modo de



trabalho. Optamos por utilizar esses equipamentos pela: possibilidade do uso de lentes com diferentes profundidade de campo, alta qualidade final das imagens, facilidade na hora da importação do material para ilha de edição e pela tendência de mercado no uso dos mesmos.

Não utilizamos nenhum formulário técnico disponibilizado pela universidade, preferimos utilizar métodos próprios.

Centralizamos nossas gravações para que fossem realizadas em uma semana. Montamos um cronograma e uma ordem do dia. Foi complicado conciliar os horários com a equipe, os atores e as locações.

A diária mais complicada foi a das cenas no alambique, gravadas no interior de São Paulo. Pois, tivemos uma grande logística com o transporte da equipe, dos atores e equipamentos. Além disso, mesmo estando tudo combinado e autorizado com a gerência do alambique, após montarmos os equipamentos, posicionarmos as luzes, maquiarmos os atores, o responsável disse que não poderíamos gravar ali. Infelizmente alguns dos presentes no local entenderam a figura do Diabo como algo satânico, quando na verdade era apenas uma representação folclórica. Porém, com muita conversa e explicações ele permitiu que gravássemos.

O processo de pós-produção foi bem complexo, por causa da câmera que usamos, passamos por muitos procedimentos até começar a montar. Primeiro todo o material passou pela fase de mudança de compressão, mudamos os arquivos das 6 horas de material bruto de H.264 para ProRes, que é um formato melhor aceito pelo software de edição. Depois passamos pela fase de sincronizar o som que vem de referência da câmera com o som que vem do gravador. Após esse processo, começamos a fazer os primeiros cortes, durante o mesmo período, fazíamos reuniões com os músicos para gravar as trilhas. Com as trilhas prontas, acabamos a montagem, em seguida o tratamento de cor, buscando continuidade e um padrão de tom para o filme, mais a parte de efeitos visuais, como fumaças e luzes. Por último veio a edição de som, regulagem de todos os volumes e o sound design, efeitos de áudio e ambiência.

Além da pós-produção do vídeo, produzimos as capas do dvd, aproveitando a mesma direção de arte do rótulo das garrafas na cenografia e da própria divulgação do filme em cartazes.



6 CONSIDERAÇÕES

Durante a realização da peça audiovisual passamos por algumas dificuldades com *casting* e locações, pois não achávamos atores no perfil para os personagens e faltavam algumas locações mais difíceis como o alambique. Todas essas dificuldades surgiram por causa do tempo, que já estava curto em relação com as datas realizamos as gravações.

Deixando de lado esses dois problemas, durante a etapa de gravação tudo ocorreu conforme o combinado. Os atores apesar de não terem feito nenhum ensaio, (pois com o tempo disponível foi realizado apenas uma leitura de mesa) se saíram muito bem. Tivemos que fazer algumas alterações no roteiro algumas por falta de tempo para realizar e outras por defasagem na produção.

Ao optar por realizar um curta-metragem com um tema importante como esse, nos preocupamos em tentar fazer tudo conforme o que foi proposto e assistindo ao resultado acredito que conseguimos atingir muitos de nosso objetivos. Ao assistir o curta-metragem já finalizado nos tivemos o sentimento de missão cumprida, porém podemos melhorá-lo em alguns pontos, como a maquiagem e em algumas passagens do roteiro.

Por fim concluímos que foi uma grande experiência para todos, pois tivemos discussões em cima do nosso projeto desde o início, quando optamos por trabalhar com esse tema e dessa forma, houveram mudanças de personagens e até uma mudança no roteiro em cima da hora, uma mudança para melhor, pelo fato de ser um tema diverso e capaz de oferecer-lhe um leque de opções para trabalhar. Também gostaríamos frisar que os erros que cometemos durante todo o processo, desde a ideia para o tema até a finalização do produto, só nos servem de exemplos para que não ocorram em próximos projetos para nossa vida profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, L.C. *Contos Tradicionais do Brasil*. (Col. Joaquim Nabuco). São Paulo. Global. 2004 - **Ediouro. Cap. 7 p. 278-289 e Cap. 11 p. 312-314.**

JOÃO, Máximo. *Noel Rosa. (Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira)*. Rio de Janeiro. MEDIAfashion. 2010 – **Volume 1 p. 60.**